



“Não quero ir onde não há luz” - Ilda Reis

17 Março / 10 Junho 2012

MAEDS, Setúbal

«Não quero ir onde não há luz»
Fernando Pessoa

Apropria-se deste verso de Fernando Pessoa o título da mostra de gravuras de Ilda Reis apresentado no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal [MAEDS], por ocasião do mês dedicado à Mulher. Em «Não quero ir onde não há a luz» estão subjacentes dois aspectos que tornam este (re)encontro da artista com a cidade de Setúbal muito especial e simbólico. Por um lado, o facto do MAEDS ter sido o primeiro museu a ser fundado no pós-25 de Abril, o que lhe incute um significado singular na nossa história enquanto país, em particular no caminho iniciado em 1974 rumo a uma democracia sobre a qual, hoje, a nível local e global, urge reflectir. Por outro, o percurso pessoal de Ilda Reis, uma mulher que, como muitas e muitos, tornou possível esse sonho que era a Liberdade em pleno fascismo. Contribuindo de forma discreta, à sua escala, no seio da sua família, amigos, e, não raras vezes, conhecidos e anónimos para quem uma palavra, um gesto, faziam toda a diferença. Uma mulher comprometida com a causa da Liberdade e da Democracia, determinada nas suas convicções políticas e ideológicas, o que necessariamente se reflectiu no seu percurso artístico. O pessoal é sempre político, não é frase inédita, e ainda que já tenha sido tantas vezes dita, em diversos contextos, não é demais repeti-la, com vigor e de peito aberto.

«Não quero ir onde não há a luz» apresenta, escolhidas de entre a quase centena que produziu ao longo da sua actividade de gravadora, entre 1966 e 1997, dezasseis das suas gravuras, em metal e madeira, com a técnica de água-forte/água-tinta e xilogravura. A presença marcante dos seus vermelhos, da sua expressão mais transparente ao intenso escarlate, as líricas de Camões, os «tempos de vida», a poesia de Fernando Pessoa,

reflectem não só a extraordinária qualidade e originalidade da sua obra gravada como também o seu enorme compromisso com a causa política, neste, também ele político, acto de curadoria. Sob o tema da Liberdade, podemos encontrar o gesto e a força que escavam a chapa, o universo cromático e formal, e, diria até, o espírito desta gravadora que é uma referência incontornável no panorama da Arte Gravada do século XX em Portugal.

Ainda que esta seja uma leitura pessoal e subjectiva, na selecção das gravuras apresentadas como na interpretação política que aqui induzo, creio poder dizer, com o conhecimento de facto que 26 anos de vida com a artista me permitem, que Ilda Reis não iria discordar do discurso proposto porque nós, tal como ela assim o gravou numa chapa de metal, também não queremos ir onde não há luz.

Ana Matos

Lisboa, Março de 2012

(texto de catálogo)

